

Algumas aproximações entre o ciúme, a melancolia e o masoquismo

Marília Etienne Arreguy
Claudia Amorim Garcia

RESUMO

Buscamos, neste trabalho, apontar para as raízes primitivas do ciúme, discutindo o entrelaçamento narcisismo/Édipo na sua origem e enfatizando a falha na estruturação narcísica, representada justamente pela ferida narcísica que fundamenta a dinâmica ciumenta. A seguir, argumentamos com apoio na literatura pertinente, que a dinâmica ciumenta é dominada pela presença maciça de um supereu cruel, o que nos leva finalmente a sugerir a hipótese de uma forte tendência masoquista nas manifestações ciumentas do tipo depressivo. Consideramos, a partir de Racamier (1968), que mais do que uma das doenças da paixão, o ciúme melancólico frequentemente se apresenta como uma perigosa “hipocondria do laço amoroso”, cuja sintomatologia pode culminar com o suicídio. Assim, em nosso entender, o ciúme melancólico configura-se por uma dor que busca vazão num “a mais” de prazer vinculado ao triângulo amoroso e à posição de rivalidade não superada.

Palavras-chave: Ciúme; Ferida narcísica; Complexo de Édipo; Melancolia; Masoquismo; Superego.

O ciúme, este afeto intenso, ao mesmo tempo perturbador e estruturante, velho conhecido dos amantes, irmãos e escritores, motivo determinante do crime passionai e das intrigas amorosas tem sido, a nosso ver, insuficientemente estudado pela psicanálise. Os kleinianos lhe dedicaram alguma atenção, principalmente na sua relação com a inveja, elemento central do seu arcabouço teórico. A Escola Francesa, por sua vez, com as honrosas exceções de Clérambault (1921) e Lagache (1947, 1949) só mais recentemente se voltou para o estudo do ciúme como indicam a publicação da *Revue Française de Psychanalyse*, de 1997, totalmente dedicada a esse tema, e os trabalhos de

• Artigo recebido em maio de 2002 e aprovado para publicação em junho de 2002.

* O presente artigo é fruto da dissertação de mestrado *Entre o excesso e a ausência: o ciúme amoroso nas narrativas psicanalítica e literária*, defendida em abril de 2001, na PUC-Rio, por Marília Etienne Arreguy e orientada pela Dra. Claudia Amorim Garcia.

Vasse (1995) e Lachaud (1998). De uma maneira geral, portanto, o ciúme parece ter sido esparsamente estudado, o que por si só instiga à reflexão, já que se apresenta tão intensamente nas manifestações clínicas, objeto central da investigação psicanalítica.

Freud (1922) privilegiou o ponto de vista quantitativo na sua análise do ciúme, relacionando-o principalmente ao delírio e à paranóia. No entanto, é a partir de sua relação com as estruturas psíquicas (cf. Urtubey, 1984) que o ciúme vem sendo mais estudado atualmente. Assim, foi num trabalho inovador que Racamier (1968) levantou a importância do ciúme, e também da agressividade, nas manifestações depressivas – algo que consideramos pregnante na contemporaneidade –, enquanto Vasse (1995), por sua vez, propôs associações do ciúme com a perversão, e Lachaud (1998) frisou um aspecto regressivo e a multiplicidade das sintomática ciumenta; fenômenos importantes que também vemos se intensificar em nossos dias. Procuraremos abordar neste artigo o aspecto depressivo do ciúme, baseando-nos principalmente em Racamier (1968). Antes é necessário, entretanto, um breve percurso por algumas noções freudianas – narcisismo, Édipo e ferida narcísica – que auxiliam a discussão dessa forma de ciúme.

NARCISISMO E ÉDIPLO ENTRELAÇADOS

Discutindo o histórico psicanalítico do conceito de ciúme patológico, Stanley Coen (1987) põe em discussão a participação do narcisismo e do complexo de Édipo na problemática do ciúme. Nesse sentido, ele afirma que alguns autores responsabilizaram o período pré-edipiano pelo resultado patológico do ciúme, enquanto outros enfatizaram o triângulo edipiano e a culpa (p. 100). Então, Coen (1987) sugere que apesar de o pré-Édipo ser privilegiado, quanto às determinações patológicas do ciúme, não se pode, de modo algum, excluir as vicissitudes propriamente edipianas dessa problemática, posicionamento que se baseia não só na retomada teórica sobre a noção psicanalítica de ciúme, mas também em um caso clínico que apresenta. Criticando a posição de Pao (1969) que, apesar de sustentar a polaridade narcisismo/Édipo, ressalta os aspectos narcísicos, Coen (1987) afirma que “a cena triádica ciumenta no ciúme patológico serve simultaneamente para defender e para expressar ambos os conflitos diádico e triádico” (p. 100; nossa tradução), isto é, pré-edipianos e edipianos, acentuando que não há dicotomia, mas interdependência entre eles.

Dando continuidade à discussão, Urtubey (1997) retoma a problemática psíquica envolvida no ciúme e afirma que este afeto oscila entre dois pólos: o pólo *edipiano* que se manifesta na cena primitiva, no embate com o rival, e o pólo *narcísico*, das paixões vividas de uma forma especular e regressiva. Denzler (1997), por sua vez, reforça essa idéia ao concluir que o ciúme edipiano ligado à inveja do pênis aponta para uma articulação entre investimentos objetivos e narcísicos e exige, portanto, ser interpretado nesses dois registros (p. 43). Também Lachaud (1998), ao intitular seu livro de *Jalousies*, no plural, parece ressaltar a existência de ciúmes diversos, efeitos possivelmente de diferentes organi-

zações psíquicas, o que aponta novamente para o entrelaçamento do narcisismo com o complexo de Édipo na origem do ciúme.

Pois bem, se o ciúme sempre implica na existência de um terceiro, então é necessariamente num contexto triangular que será instituído. No entanto, essa situação pode estar presente desde muito cedo, antes mesmo da efetivação da cena edipiana. É assim que, conforme Kristeva (1993), o desejo da mãe sobre a criança é desde sempre “triangulado”, dado que a mãe:

(...) amará sua criança sob o olhar desse Outro, e é pelo seu discurso em direção a esse Terceiro que a criança se constituirá para sua mãe como “amada”. “Como ele é bonito” ou “Eu me orgulho de você” são os enunciados do amor maternal porque eles implicam um Terceiro: é sob o olhar de um Terceiro que o bebê ao qual a mãe fala se torna um “ele”, é diante dos outros que “eu me orgulho de você...” (p. 48, nossa tradução)

Nesse sentido, há desde o início uma situação triangular constituída pelo bebê, sua mãe e o olhar que ela dirige a um Terceiro, mesmo na vigência de uma relação diádica. Assim, o ciúme na sua origem é o ciúme da mãe, numa relação potencialmente triangulada, o que atesta a conjunção das problemáticas narcísica e edipiana em qualquer manifestação do ciúme.

A FERIDA NARCÍSICA¹ COMO O PRIMEIRO TEMPO DA DOR CIUMENTA

Freud (1922) associou tanto a ferida narcísica quanto a autocrítica – elemento central da melancolia – à aparição do ciúme normal. Na definição de 1922, ele diz:

Não há muito que dizer, do ponto de vista analítico, sobre o ciúme normal. É fácil perceber que essencialmente se compõe de pesar, do sofrimento causado pelo pensamento de perder o objeto amado, e da ferida narcísica (...); ademais, também de sentimentos de inimizade contra o rival bem sucedido, e de maior ou menor quantidade de autocrítica, que procura responsabilizar por sua perda o próprio ego do sujeito. (p. 237)

A ferida narcísica é, portanto, um elemento central na composição do ciúme, assim como a autocrítica, função superegóica por excelência através da qual o sujeito se menospreza e se desvaloriza, atacando o eu pela perda do objeto, penalizando-o por isso.

A noção de ferida narcísica designa um marco melancólico primordial, fonte de sofrimento pela perda do objeto materno, perda esta que, fazendo uma analogia com a melancolia (cf. Freud, (1917 [1915])), corresponde a uma perda da integridade do eu. Su-

¹ A noção de *ferida narcísica* utilizada por Freud (1922) não foi desenvolvida como um conceito específico, sendo por ele utilizada de forma descritiva. O termo não se encontra no índice remissivo da ESB (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud), nem consta dos tradicionais dicionários de psicanálise (Laplanche & Pontalis, 1982; Kauffman, 1993; Roudinesco, 1999).

pomos então, que quando a dor da perda do objeto primário toma dimensões acentuadas, ou seja, quando há um forte investimento de representações ligadas a esta ferida narcísica, as relações do sujeito são marcadas por um temor iminente, uma ameaça de perda apresentada como ciúme.

Beth Denzler (1997) dá continuidade a essa discussão ao argumentar que a emergência do ciúme depende da fixação numa ferida narcísica, ou ainda, de um “fracasso do narcisismo” (*défaillance du narcissisme*, p. 39) em manter o investimento libidinal no eu. Ela faz menção à fragilidade narcísica do ciumento ao levantar a suspeita de que “(...) um sujeito neurótico que sofre de ciúme intenso e doloroso pode, através desse sentimento, revelar um investimento narcísico parcialmente deficiente da representação de si” (p. 40; nossa tradução). Analisando a fala de mulheres ciumentas que afirmam sentirem-se indignas de serem amadas e também aniquiladas pelo ciúme, Denzler (1997) considera que elas apresentam uma dependência muito forte da confirmação amorosa do companheiro, o que confirma a hipótese de uma fragilidade narcísica. É como se a devoção e a admiração do parceiro garantissem o seu valor pessoal enquanto que a infidelidade do amado, cujo olhar foi captado por uma rival, privasse essas mulheres de um suporte indispensável à manutenção de um sentimento de si. A autora defende que essa dependência massiva do amado aponta para uma insuficiência do investimento narcísico fálico, e afirma, então, que a “perda do objeto é, desse modo, reforçada pela ferida narcísica” (p. 41, nossa tradução). Isto significa que uma perda atual é intensificada pelo retorno de uma perda primitiva recalçada.

Retomando a tese de Federn sobre uma redução do investimento narcísico nos estados de estranhamento e perda da realidade nas psicoses e neuroses, Melo Carvalho (1996) pode contribuir para esta discussão. Ela ressalta que uma redução do investimento narcísico e uma exagerada preocupação com o eu, presentes em relatos clínicos de melancólicos, por exemplo, configuram o que aparentemente poderia ser considerado como uma contradição. Segundo ela, no entanto, o que ocorre é o retorno da libido ao eu, sob forma de uma preocupação excessiva, como reação compensatória a um investimento falho da representação do eu. Supomos ser isto também o que acontece no ciúme onde uma falha narcísica básica é mascarada pela expressão autocentrada em que o ciumento se vê enredado.

A autocrítica, por outro lado, se faz presente intensamente na melancolia onde, segundo Freud (1917 [1915], p. 254-255), e diferentemente do luto, a perda da relação com o objeto e o retraimento do investimento libidinal para o eu implicam em um “envilecimento” do próprio eu que, então, identificado narcisicamente com o objeto perdido, ataca a si mesmo no lugar do objeto. O ódio ao objeto volta-se para o eu, o que culmina com sua desvalorização severa e com uma baixa evidente na auto-estima.

Para Freud (1917) a melancolia funda-se sobre uma escolha narcísica de objeto que regride para uma identificação narcísica em consequência da perda do objeto amoroso. Ao discorrer sobre o rompimento da relação amorosa no melancólico, Freud (1917 [1915]) afirma que: “(...) uma perda objetal se transformou numa perda do ego, e o con-

flito entre o ego e a pessoa amada, numa separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação”. (p. 255)

A identificação que altera o eu à qual Freud se refere acima é uma identificação narcísica nos moldes daquela que se produz no primeiro momento especular onde a imagem do eu se constitui a partir do olhar da mãe (Lacan, 1949; 1954). O sujeito melancólico depende inextrincavelmente de uma imagem de eu fornecida pelo outro, ou melhor, ele adere a essa imagem como parte integrante do que reconhece como um si mesmo. Assim parece também acontecer no ciúme. De fato, nossa suposição é de que a autocrítica do ciumento deve-se, justamente, a uma identificação primordialmente narcísica que seria, desse modo, um elemento importante na determinação do ciúme.

Vejamos a definição de Jean Florence (1987) acerca da identificação narcísica:

A identificação narcísica é a mais primitiva e a mais importante em seus efeitos: ela constitui o próprio eu e suas clivagens. (p. 131)

A identificação com a mãe permite esquecer a mãe histórica como objeto incestuoso, conservando-a eternamente em cada ligação amorosa, em cada impulso homossexual. Essa identificação é narcísica, ela converte a libido de objeto em libido narcísica, cujo objeto é o “eu”. (p. 128)

Então, a identificação narcísica é formada a partir da primeira relação com a mãe e se constitui num tipo essencial de identificação que se reflete na forma como serão vividas as relações objetais futuras. Por outro lado, o predomínio de uma escolha narcísica de objeto, apoiada na identificação narcísica, parece ser mais um elemento que se associa à intensificação do ciúme, na medida em que o rompimento da relação amorosa reinveste a ferida narcísica e provoca uma regressão à identificação narcísica subjacente.

Afinal, concluindo, consideramos que a falha no processo de construção da imagem narcísica é a causa mais forte de uma repetição incessante do ciúme. O fracasso do narcisismo, devido a um investimento narcísico falho, faz, portanto, com que uma ferida narcísica estrutural seja reinvestida, apresentando-se como uma insuficiência de amor-próprio e abrindo caminho para a constante dependência do outro. Todo esse processo culmina no estabelecimento de relações amorosas de dependência e dominação tanto em relação ao objeto amoroso quanto ao rival, nas quais o sujeito ciumento se coloca dialeticamente em um dos pólos: dominador ou dominado, senhor ou escravo.

AS VICISSITUDES DO CIÚME MELANCÓLICO

Numa teorização baseada no modelo melancólico freudiano, Paul-Claude Racamier (1968, p. 307) descreveu duas faces da depressão em que predominam o afeto ciumento e as manifestações agressivas em direção ao outro. Nesse mesmo texto, ele também discutiu a existência de uma “marca depressiva do ciúme” (p. 297), relacionando essa marca à tendência passiva do sujeito perante o outro, e à queda brutal ou progressiva da

estima de si. Para Racamier (1968), o ciúme depressivo, ou melancólico, diríamos, se manifesta naquilo que ele designa de *desapropriação*² e *desvalorização*,³ sentimentos esses baseados no reinvestimento de perdas primitivas que ressurgem quando o ciúme se evidencia enquanto sintoma, e que também ocupam papel central na vivência depressiva. Segundo Racamier (1968), é “(...) o duplo sentimento de *desapropriação* e de *desvalorização* que caracterizam a vivência depressiva em geral, e em particular o ciúme, que deles carrega uma marca de origem” (p. 296, nossa tradução).

Ao remontar o ciúme a uma “marca de origem” depressiva, Racamier (*op. cit.*) nos permite supor que o ciúme se dá em dois tempos. O primeiro tempo seria composto de situações de separação da mãe não significadas, como o próprio nascimento e o desmame, acontecimentos psíquicos, a nosso ver, da ordem de uma ferida narcísica, que carregariam em si um potencial traumático a ser vivenciado em forma de ciúme, *a posteriori*, nas relações de rivalidade pertinentes ao segundo tempo do ciúme.

É válido frisar que a emergência de um estado de depressão ciumenta, ou ciúme melancólico como preferimos, não depende estritamente de um fato da realidade, pois:

(...) pouco importa de fato que seja imaginária ou real, parcial ou total – a perda do objeto amado acarreta e engloba uma perda bem mais extensa; o que o doente deprimido perdeu foi sua capacidade de obter prazer, sua razão de viver, seu valor pessoal. (Racamier, 1968, p. 297)

Com efeito, são as vicissitudes imaginárias – registro de fundo dos fenômenos narcísicos – que vão desencadear o processo de construção fantasística de qualquer ciumento. Em geral, quanto mais ativamente o sujeito constrói suas fantasias acerca da traição do seu objeto de amor, mais ele se aproxima de uma patologia delirante (ou paranóica) que pode se caracterizar por uma perseguição explícita ao rival e ao objeto de amor. A novidade é que, diferentemente disso, no entanto, o ciumento depressivo parece se conformar com a traição do objeto amado, considerando inevitável que o parceiro amoroso possua, ou ame, um outro. A crença na traição que o ciumento manifesta – e cuja importância foi assinalada por Lachaud (1998, p. 19-21) quando argumenta a favor da “infidelidade estrutural do ser falante” – faz com que o ciumento depressivo abra mão da competição ativa com o rival, pois, de tacada, já se coloca na posição de perdedor. Quanto a isso, Racamier (1968) fornece uma demarcação da especificidade do ciumento melancólico em relação aos “ciumentos habituais”:

² O termo em francês é *dépossession*, para o qual não encontramos um similar exato em português. O termo “desposseção” – uma tradução, por assim dizer, mais exata – não existe nos dicionários correntes da língua portuguesa. Além do mais, o seu oposto “posseção” tem o significado ligado a questões religiosas. “Desapropriação”, por sua vez, parece uma palavra mais adequada, na medida em que a utilizamos no sentido dos efeitos causados pela separação de objeto.

³ Apesar de Racamier (1968) dar um destaque especial para esses dois termos – *dépossession* e *dévalorisation* –, ele não os desenvolve como conceitos, apenas retirando-os da linguagem ordinária para representar, em nosso entender, o sofrimento pela perda do objeto e a baixa na auto-estima, respectivamente.

(...) o deprimido ciumento não desenvolve uma verdadeira relação de objeto ciumento. Ele não desenvolve nem apresenta este conjunto de manobras persecutórias e de verificação que caracterizam os ciumentos habituais. Ele sofre e não manipula. (...) Seu ciúme é, de fato, a forma menor de um sentimento melancólico de indignidade amorosa. (p. 298, nossa tradução)

Assim, ele se distingue dos ciumentos habituais, sendo sua característica mais forte o sentir-se indigno de receber um amor exclusivo, pois “se o verdadeiro ciumento é pleno de seu rival, o deprimido ciumento é, sobretudo, vazio de seu objeto” (idem); objeto amoroso em primeira instância, objeto narcísico, em última. Essa interessante observação de Racamier nos estimula a pensar um pouco mais na diferença entre tipos de ciumentos. Assim, sugerimos que, se a identificação com o rival parece ser típica dos ciumentos em geral, no caso do ciúme depressivo essa identificação, além de ser responsável pela auto-recriminação e desvalorização, é ainda agravada pela perda do vínculo com o objeto, conclusão a que chegamos a partir novamente de Racamier (1968), quando ele afirma que o ciumento melancólico sofre mais por não poder continuar a amar seu objeto, do que por não ser amado (p. 298). Então, no ciúme melancólico estão em jogo dois processos psíquicos que resultam no intenso desinvestimento do eu, mascarado por um autocentramento exagerado, e na ausência de autoconfiança: uma identificação com o rival, e uma perda da capacidade de amar. É assim que nesse tipo de ciúme, embora também exista, como no delirante, a possibilidade de fantasiar imaginariamente a traição, não há uma busca ativa por “solucionar esse problema”, já que o objeto é dado inequivocamente como perdido. Fato ou imaginação, a infidelidade do companheiro amoroso é “aceita” e vivida como um sofrimento passivo pelo ciumento depressivo, pois ao contrário de tentar recuperar aquilo que crê ter perdido, ele, numa espécie de autodestruição indireta, atrai seu infortúnio (Racamier, 1968).

A manifestação melancólica do ciúme implica, então, na passividade e no intenso desinvestimento do eu e resulta numa degradação da capacidade do sujeito de realizar uma conquista ou reconquista amorosa. O ciumento se dá por vencido pelo rival, colocando-se sempre numa posição inferiorizada, dada uma configuração amorosa triangular, em que não se considera digno de receber amor, nem de disputar com o rival idealizado, descrição que imediatamente nos remete a uma re-atualização edípica.

Bem, se até agora estabelecemos tantas aproximações entre os modos de configuração psíquica e manifestação dos afetos ciumento e melancólico, talvez caiba nesse momento uma tentativa de delimitação de fronteiras, o que nos será possível realizar através da consideração dos destinos da identificação na melancolia e no ciúme. Sabemos que, na melancolia, subseqüentemente à perda, há uma identificação com o objeto perdido, enquanto no ciúme, há um “a mais”, quando supomos uma dupla possibilidade de identificação, evidentemente narcísica, em ambos os casos. O ciumento melancólico identifica-se tanto com o objeto perdido, quanto com o rival, o que acarreta conseqüências psíquicas significativas. Além disso, se por um lado, com Racamier (1968), entendemos que no ciúme melancólico a identificação com o rival vem acoplada com a perda da capa-

cidade de amar, por outro lado postulamos que a perda do objeto implica numa perda do ideal. Freud, em 1921, no texto “A psicologia das massas e análise do Eu”, nos alertara que nas situações de apaixonamento o objeto ocupa o lugar do ideal do eu e, portanto, ao perdê-lo o sujeito perde também seu ideal. Esta possibilidade presente no ciúme melancólico representa um motivo a mais para o desinvestimento narcísico do ciumento, submetido então, a um supereu cruel que o assola continuamente. Isso nos leva a algumas considerações sobre a dinâmica ciumenta, relacionada dessa vez ao masoquismo.

A HIPÓTESE DO MASOQUISMO NA COMPREENSÃO DE UMA CERTA “HIPOCONDRIA DO LAÇO AMOROSO”

Dando prosseguimento a sua discussão, Racamier (1968) associa o ciúme a uma certa “hipocondria do laço amoroso”, em outras palavras, considera, em nosso entender, o ciúme como uma espécie de doença imaginária do amor, a qual sustenta a própria sobrevivência do eu. Na verdade, nossa suposição é de que é a própria situação triangular inerente ao ciúme, enquanto reedição edípica, que garante um mínimo de integração do eu. O ciumento, de uma maneira geral, passa a existir subjetivamente em função da triangulação ciumenta da mesma maneira que o hipocondríaco concentra sua atividade psíquica na preocupação com as doenças que imagina ter. Parece que esse cenário é propício à emergência do masoquismo, como veremos a seguir.

Afirmamos anteriormente que, no ciúme depressivo, há uma perda do ideal que favorece, talvez, o aparecimento de um supereu cruel. De fato, nossa suposição é de que, quando o modelo do ideal do eu enquanto fonte de identificação simbólica perde sua função ou fica enfraquecido, o supereu enquanto imperativo do gozo (Lacan, 1985 *apud* Nasio, 1988) clama por um prazer primitivo que reproduza a relação incestuosa com a mãe. Manifesta-se então no ciumento um supereu cruel seguindo os moldes da melancolia (Freud, 1917 [1915]), que responsabiliza o eu pela perda do objeto e pelo desejo de traição, efeito da identificação com o rival, e obriga-o a se submeter a toda e qualquer exigência superegóica para garantir um mínimo de prazer. Estaria fundada aqui uma relação entre masoquismo e ciúme?⁴

De fato, no ciúme melancólico, em que o supereu é muito forte, a culpa pelo desejo de superar o rival abre espaço a um desejo de autodestruição que resulta uma espécie de anulação subjetiva típica das depressões. A intensificação desse movimento, representada pelos sentimentos de desvalorização e desapropriação (Racamier, 1968), leva-nos então a postular a presença de um núcleo masoquista no ciúme depressivo. Assim, associando o quadro clínico do ciúme melancólico ao que autores como Lachaud (1998, p. 51-137)

⁴ Gibeault e Schaeffer (1997) já se questionaram sobre qual seria a relação entre masoquismo e ciúme no *Argument* do volume dedicado ao ciúme da *Revue Française de Psychanalyse*.

consideram como uma tendência regressiva fundamental no ciumento, um movimento impulsionado por uma ferida narcísica sempre aberta,⁵ perguntamos: o constante reinvestimento dessa ferida não surgiria como reflexo do masoquismo erógeno, protagonizado pela pulsão de morte (Freud, 1924b; Lacan, 1954)? A clínica dos ciumentos depressivos ou melancólicos parece justificar essa hipótese quando nos apresenta sujeitos com investimento narcísico falho, “vazio[s] do seu objeto” (Racamier, 1968) e submetidos a um supereu semelhante àquele encontrado nas manifestações melancólicas e ao qual Freud (1923) se referiu da seguinte forma:

Se nos voltarmos primeiramente para a melancolia, descobrimos que o superego excessivamente forte que conseguiu um ponto de apoio na consciência dirige sua ira contra o ego com violência impiedosa (...). O componente destrutivo entrincheirou-se no superego e voltou-se para o ego. *O que está influenciando agora o superego é, por assim dizer, uma cultura pura do instinto de morte* (...) (p. 65-66, grifos nossos)

Ora, a relação entre o supereu e uma “cultura pura do instinto de morte” aponta para um movimento masoquista, em que a energia não ligada orientada pelo princípio de nirvana explica a tendência à autodestruição do ciumento depressivo. Essa situação também pode ser agravada por uma desintrincação pulsional que segundo Vasse (1995, p. 250) e Lachaud (1998, p. 143) está presente em casos de ciúme patológico e que pode, de fato, liberar a expressão exacerbada da pulsão de morte levando o ciumento, em casos extremos, à busca real da morte através do suicídio “por amor”.

No caso da associação entre ciúme e melancolia, encontramos também uma tendência regressiva intensa. O auge de uma manifestação pautada nesses parâmetros seria o suicídio por ciúme. Segundo Lachaud (1998), no ciúme melancólico:

(...) há então uma regressão a um estado primário arcaico onde a agressividade domina uma economia afetiva na qual ela é simultaneamente sofrida e atuada, e onde o outro se torna objeto de violência. Tempo em que Freud pôde notar a existência da pulsão de morte em ação. (p. 51, nossa tradução)

Buscamos, neste trabalho, apontar para as raízes primitivas do ciúme, discutindo o entrelaçamento narcisismo/Édipo na sua origem e enfatizando a falha na estruturação narcísica, representada justamente pela ferida narcísica que fundamenta a dinâmica ciumentista. A seguir, argumentamos enfaticamente, com apoio na literatura pertinente, que a dinâmica ciumentista é dominada pela presença maciça de um supereu cruel o que nos leva finalmente a sugerir a hipótese de uma forte tendência masoquista nas manifestações ciumentistas do tipo depressivo. Na verdade, podemos concluir que, mais do que uma das doenças da paixão, o ciúme melancólico freqüentemente se apresenta como uma perigosa “hipocondria do laço amoroso” que pode vir a se vincular ao suicídio. Talvez o jovem

⁵ Essa autora parte para a argumentação lacaniana de uma regressão fundamental ao gozo feminino nos ciumentos; questão que não discutiremos aqui.

Werther, de Goethe, ou o que chamaríamos de “sujeito anônimo”, personagem principal do romance *La Jalousie* de Robbe-Grillet, seja uma ilustração mais rica e clara do que viemos tentando mostrar em termos psicanalíticos...

Por uma última palavra, diríamos que o ciúme melancólico configura-se por uma dor que busca vazão num “a mais” de prazer vinculado ao triângulo amoroso e à posição de rivalidade não superada.

ABSTRACT

This paper discusses the primitive origins of jealousy, emphasizing the presence of an intimate relationship between the Oedipal Complex and narcissism as well as a structural narcissistic deficit at its onset. We emphatically argue that the dynamics of jealousy are dominated by a cruel superego which justifies the postulation of a strong masochist tendency in depressive jealousy. Thus, melancholic jealousy is not only one of the illnesses of passion, but often manifests itself as a dangerous hypochondria of the bonds of love which can lead to suicide.

Keywords: Jealousy; Narcissistic wound; Edipal complex; Melancoly; Masochism; Supereu.

Referências bibliográficas

ARREGUY, M. E. A intensidade como fundamento do ciúme em Freud. In: II ENCONTRO NACIONAL PSICANÁLISE E UNIVERSIDADE. Belo Horizonte: Passos, 2000.

ARREGUY, M. E. A ausência de ciúme: notas sobre consumo de amor. Estudos de Psicanálise, Circulo Psicanalítico do Rio Grande do Sul, ISSN 0100-3437, 2001a. <www.cprs.com.br/VIFORUM/marilia_etienne_arreguy.htm>.

BEZERRA, H. Melancolia: uma forma incessante de desistência. Dissertação (Mestrado) – PUC Rio, 1994.

BONNET, G. Avoir l'oeil: la violence du voir dans la jalousie. RFP, t. 61, v.1, 1997.

CHATTERJI, N. N. Paranoid Jealousy. The Yearbook of Psychoanalysis, v. 5, p. 55-61, 1949. (Reprinted from Samiksa, v. 2, n. 4, p. 14-24, 1948).

CHAUVEL, P. La machine infernale: l'amour e la mort mêlés. RFP, t. 61, v.1, 1997.

CLÉRAMBAULT, G. G. de (1921). Os delírios passionais: erotomania, reivindicação e ciúmes. Rev. Lat. Americana de Psicopatologia Fundamental, PUC-SP / Unicamp, v. II, n. 1, p. 146-155, março 1999.

COEN, S. J. Pathological Jealousy. Int. Journal of Psycho-Analysis, NY, n. 68, p. 99-108, 1987.

DEBURGE-DONNARS, Anne. Enfin jalouse? RFP, t. 61, v. 1, 1997.

DENZLER, Betty. Miroir trompeur: la jalousie et le narcissisme. RFP, t. 61, v. 1, 1997.

FLORENCE, Jean (1987). As identificações. In: MANNONI et al. As identificações na teoria e na clínica psicanalíticas. Rio de Janeiro: Rêlume-Dumará, 1994.

- FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. IV e V).
- FREUD, S. (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. X).
- FREUD, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIV).
- FREUD, S. (1917 [1915]). Luto e melancolia. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIV).
- FREUD, S. (1919). Uma criança é espancada. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XVII).
- FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer. Rio de Janeiro: Imago, 1995. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XVIII).
- FREUD, S. (1921). Psicologia de Grupo e análise do Ego. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XVIII).
- FREUD, S. (1922). Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XVIII).
- FREUD, S. (1923). O ego e o id. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIX).
- FREUD, S. (1924a). A dissolução do complexo de Édipo. Rio de Janeiro: Imago, 1995. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIX).
- FREUD, S. (1924b). O problema econômico do masoquismo. Rio de Janeiro: Imago, 1995. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIX).
- FREUD, S. (1930). O mal estar na civilização. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXI).
- GARCIA, C. A. Mutações do superego. Cadernos de Psicanálise, Rio de Janeiro: Revista do Círculo Psicanalítico Brasileiro, v. 13, ano 21, p. 93-102, 1999.
- GIBEAULT & SCHAEFFER. Argument. Revue Française de Psychanalyse, 1997.
- KAPLAN, D. M. Comments on the screening function of a “technical affect”, with reference to depression and jealousy. Int. Journal of Psycho-Analysis, n. 51, p. 489-502, 1970.
- KLEIN, M. (1936). Love, Guilty and Reparation. In: Writings of Melanie Klein. London: Karnac Books, 1992.
- KLEIN, M. (1957). Inveja e gratidão e outros trabalhos. In: Obras completas, v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- KRISTEVA, J. Histoires d’amour. Paris: Éditions Denoël, 1983. p. 9-74.
- LACAN, J. (1938). Os complexos familiares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- LACAN, J. (1949). O estádio do espelho como formador da função do Eu. In: Écrits. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACHAUD, D. Jalousies. Paris: Éditions Denoël, 1998.
- LAGACHE, Daniel (1947). La jalousie amoureuse. Paris: PUF, 1986.
- LAGACHE, Daniel (1949). De l’homosexualité à la jalousie. In: Oeuvres, v. II. Paris: PUF, 1979.

LEJARRAGA, A. L. Paixão e desamparo. *Desamparo – Cadernos de Psicanálise*, CPRJ, Rio de Janeiro, ano 20, p. 161-172, 1998.

MELO CARVALHO, M. T. Le narcissisme et les frontières du moi. In: Paul Federn: une autre voie pour la théorie du moi. Paris: PUF, 1996. p. 66-78.

NASIO, J. D. (1988). Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1995.

PAO, Ping-Nie. Pathological jealousy. *Psychoanal. Quarterly*, n. 38, p. 616-638, 1969.

RACAMIER, P. C. Agression et jalousie: deux siguliers visages de la dépression. In: L'évolution psychiatrique. Paris: Privat, 1968. t. XXXIII, fasc. II, p. 291-307.

URTUBEY, L. (1984). La jalousie, porte d'entrée de la jalousie inconsciente dans la cure. *RFP*, v. 3, p. 769-774, 1984.

URTUBEY, L. La jalousie, porte d'entrée de la passion dans la cure. *RFP*, t. 61, v. 1, 1997.

VASSE, Denis. Jalousie et inceste. Paris: Seuil, 1995.